A urbanização de Campinas-SP e os recentes conflitos urbanos na região do Jardim Campo Belo

Maurício Moysés

mauriciomoyses88@yahoo.com.br

Helena Rizzatti

helenarizzattifonseca@gmail.com

Resumo

Analisamos nesse artigo como a cidade de Campinas-SP, pujante economicamente, mantém grandes desigualdades socioespaciais que são deflagradas com as ocupações urbanas instaladas na cidade, especificamente pelo estudo da maior delas: a região do Jardim Campo Belo. Para tal, utilizamos os conflitos urbanos, com destaque para aqueles que têm como objeto de disputa a moradia, como um indicador das carências e injustiças sociais sofridas e combatidas pela população residente nessa área.

* * *

PALAVRAS-CHAVE: Urbanização, conflitos urbanos, moradia, Campinas-SP, Jardim Campo Belo.

Introdução

O alargamento do processo de globalização, nas décadas de 1990 e 2000, atrelado ao adensamento do meio *técnico-científico-informacional* (SANTOS, 1994) em pontos privilegiados do território, veio aprofundar as condições de crise que estruturam as cidades brasileiras, tais como: concentração de renda; concentração fundiária; escassez de terras para moradias populares; acentuada especulação imobiliária; desemprego; ausência de serviços básicos e precarização daqueles serviços existentes; entre outros fatores. Neste contexto, intensificam-se e atualizam-se a periferização, a segregação e o empobrecimento, principalmente nas grandes aglomerações urbanas do país (RODRIGUES, 1988; SANTOS, 1990).

Ao analisarmos a história das sucessivas transformações da cidade de Campinas-SP, nota-se a constituição de uma importante *densidade técnica, científica e informacional* (SANTOS, 1994)[1] ao longo do século XX. A cidade participa ativamente da nova divisão territorial do trabalho fundada na variável informação, acolhendo objetos (formas geográficas) e ações (com destaque para as normas) condizentes com esta nova vaga de modernizações (SOUZA, 2008). De acordo com a Fundação SEADE (2013)[2], em 2010, o Produto Interno Bruto (PIB) de Campinas-SP atingiu o valor de R$ 36.712.724,00 bilhões, sendo o 3º maior PIB do estado de São Paulo representando 2,9% PIB estadual e 0,97% do PIB nacional.

De maneira indissociável a essa modernização de partes da cidade intensifica-se a periferização da população de baixa renda; indissociabilidade característica da *urbanização corporativa* (SANTOS, 2008 [1993]) engendrada em todo o país e entendida como um processo de urbanização comandado, em grande medida, pelos interesses das grandes corporações, coadunado pelo Estado e em detrimento das necessidades da maior parte da população. Desse modo, o processo se dá em rede conectando parcelas das cidades com centros de comando da globalização, os chamados *espaços luminosos* (SANTOS, 1996), onde o tempo das firmas e dos homens é rápido e o *meio técnico-científico-informacional* se instala prioritariamente; enquanto a maior parte do espaço urbano não tem acesso às tecnologias dominantes, sendo delimitados como espaços opacos (SANTOS, 1996), devido à

1 Segundo Santos (1994) essas densidades são compreendidas como os diversos graus de artifício e de exterioridade, logo, indicam, entre outros elementos, o grau de modernidade dos espaços urbanos que, no caso de Campinas é alto.

2 SEADE. Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. PIB dos municípios paulistas 2011. Dezembro de 2013. Disponível em: < http://produtos.seade.gov.br/produtos/pibmun/pdfs/PIBMunicipal2011.pdf > Acessado em julho de 2015.

rarefação desse meio e à concentração de população de baixa renda. Entre um extremo e outro há uma gama de situações.

Hoje, Campinas-SP destaca-se por ser um polo nacional de pesquisa e desenvolvimento de alta tecnologia, com uma complexa divisão do trabalho e que necessita de grandes investimentos em infraestrutura especializada para seu funcionamento e reprodução. De acordo com Santos (2000), a cidade era a segunda maior patenteadora de inovações tecnológicas do país através da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e acolhe, além de cinco universidades e seis faculdades, centros de pesquisa de alta tecnologia antigos e novos de destaque nacional.

Como explica Santos (2009a [1994], p. 130) "Atrair ou manter atividades de ponta pode significar a utilização ainda mais disparatada e desigual dos recursos públicos na criação ou reabilitação das chamadas condições gerais de produção". Tanto é que o município está entre as quinze cidades brasileiras e a terceira do Estado de São Paulo com maior número absoluto de população residente em favelas e ocupações (IBGE, 2011).

Estas, cada vez mais presentes nas metrópoles e grandes cidades do Brasil, a partir do início dos anos 1980 (RODRIGUES, 1988), são manifestações da *urbanização corporativa* em andamento no país. Entendemos as ocupações urbanas como a rápida ação de construção de moradias, em terrenos privados e públicos dentro do perímetro urbano, pela população de baixa renda e possível por um planejamento prévio para escolha do local, do momento e da forma como ocorrerá a ocupação, assim como, para construí-la e para mantê-la (*idem*[3]) possibilitando um novo uso do espaço urbano (RIZZATTI, 2014). Esta forma de habitação na cidade se diferencia das favelas, pois estas costumam ocorrer de modo individual e mais lento com a chegada esparsa de famílias de baixa renda que constroem seus barracos para viver. A diferença se calca, portanto, no cuidado com o planejamento das ações de ocupação e na sua realização coletiva e não individualizada nos núcleos familiares.

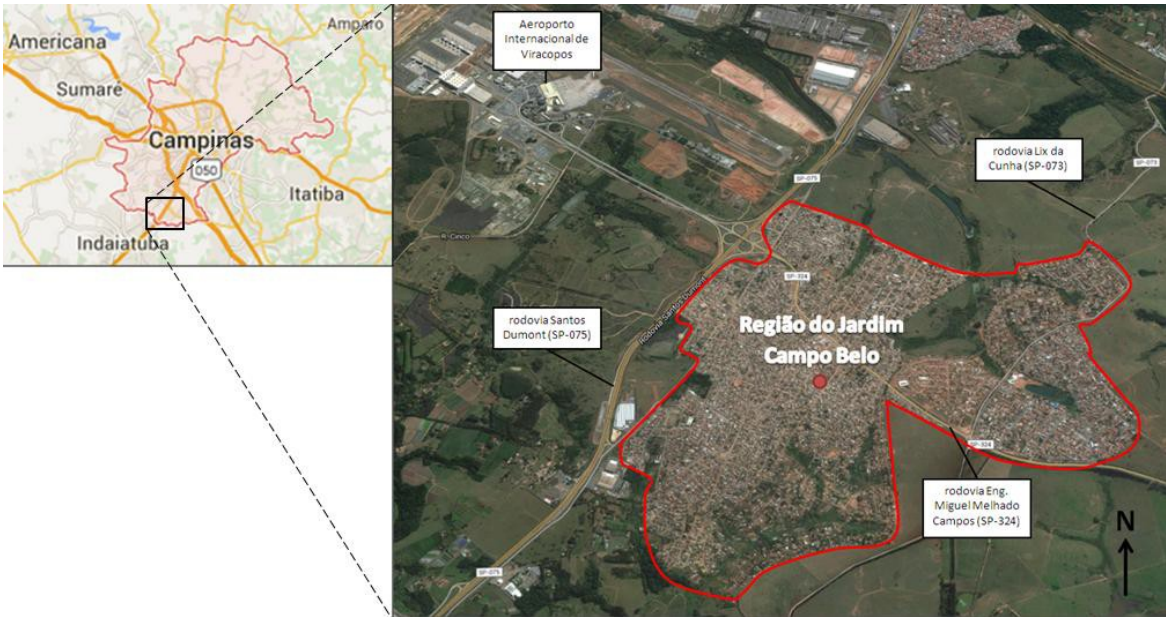
Entendemos, ainda, as ocupações urbanas como formas-conteúdo reveladoras da crise profunda em que vive a sociedade brasileira, devido a uma histórica estrutura socioespacial desigual que tem como um de seus pilares a valorização sem

3 Segundo Rodrigues (1988, p. 14) "as ocupações de terra que ganharam maior expressão nesta década [de 1980] permitem ver com clareza, num curto espaço de tempo (...) o processo de organização e a produção da cidade e da cidadania, na medida em que é um processo que se expressa conflitantemente".

controle do espaço urbano – voltada a atender os interesses do capital e corroborada pelo Estado (CORRÊA, 2000).

A desigualdade socioespacial em Campinas-SP é notável com uma divisão, grosso modo, entre uma Macrorregião Norte rica, com menos de 25% da população residente em favelas, ocupações e loteamentos clandestinos; e uma Macrorregião Sul pobre, onde se concentra mais de 75%da população de baixa renda e as grandes ocupações urbanas (CANO & BRANDÃ0, 2002).É nesta última onde se localiza a região do Jardim Campo Belo que analisaremos neste artigo e que pode ser observada na Figura 1abaixo.

Figura 1 – Localização da região do Jardim Campo Belo na periferia de Campinas-SP



Fonte: Moysés (2016).

Concretizam-se, assim, os *espaços luminosos* e *espaços opacos* nos quais a ausência de infraestrutura urbana, os enormes problemas sociais e os constantes *conflitos urbanos* denunciam tamanha desigualdade (MOYSÉS, 2016). Segundo Vainer (2005), os *conflitos urbanos* são definidos como todo e qualquer confronto ou litígio relativo à infraestrutura, serviços ou condições de vida urbana, que oponha pelo menos dois atores, sendo um deles coletivo, e que se manifeste no espaço público.

A pobreza, como ocorre em diversas metrópoles e grandes cidades do país, se reflete nas lutas e conflitos pelos *usos do território* condensados, atualmente, nos desígnios das ocupações urbanas. Deparamo-nos, assim, com cidades conflituosas, devido à sua urbanização corporativa, e suas desiguais relações entre os agentes do

espaço, desde o Estado e as grandes corporações (agentes hegemônicos) até a sociedade civil (em sua maior parte, agente hegemonizado) e, sobretudo, a população menos favorecida que busca sobreviver nessa cidade contraditória e faz do seu lugar de moradia, de compartilhamento e desejos, a força para reagir contra a racionalidade que se faz dominante.

Assim, é a partir da análise dos conflitos urbanos em Campinas-SP que trataremos sobre a sobrevivência frente as faces da urbanização corporativa. O artigo explanará sobre a metodologia dos conflitos urbanos; o processo de formação da região do Jardim Campo Belo; na sequência, exporemos a distribuição dos conflitos urbanos que tem por objeto de disputa a questão da moradia; e, por fim, buscaremos compreender como se dão esses conflitos urbanos nessa grande ocupação urbana.

Metodologia dos conflitos urbanos

O conceito de conflito urbano inclui, mas não se esgota, nas noções vizinhas de lutas urbanas ou movimentos sociais urbanos relacionados aos estudos sociológicos. Pois, "a idéia de *conflito* denota (…) uma oposição entre pelo menos duas partes. A oposição não aparece como *condição de existência* das partes, mas, ao contrário, as partes é que aparecem como *condição de existência* do conflito" (MISSE, 1981, p. 24, grifos do original). O que torna o conflito como possibilidade de análise do espaço urbano é o objeto em comum estabelecido pelos agentes sociais envolvidos, pois sem essa relação há apenas antagonismos, sem necessariamente haver uma coexistência.

Interpretamos que a partir do ponto de vista geográfico, os conflitos urbanos referem-se a um conjunto de ações deliberadas e manifestadas por distintas formas de organização dos sujeitos sociais, nos quais os "objetos dos conflitos", sejam materiais (infraestruturas urbanas) e/ou imateriais (serviços urbanos), são distribuídos espacialmente de maneira desigual e nos levam a compreender a dinâmica urbana.

Por sua vez, a noção de conflito social "é pensada como uma abstração empirista de uma série de conflitos concretos para os quais a ciência social reservará especificações – em cada caso particular" (MISSE, 1981, p. 24), em que se confrontam agentes hegemônicos e não-hegemônicos, expondo um movimento assimétrico na estruturação das relações sociais.

Os conflitos urbanos e suas ações dependerão, então, da intensidade e realização das intencionalidades de indivíduos e/ou grupos que reforçam a ação

dominante, ou na concretude de sujeitos coletivos políticos que despertam uma consciência para a luta urbana. Bem como aponta Ribeiro (2006, p. 26):

> Há uma outra cidade potencial, indiciada pelo teor dos conflitos urbanos, que não se deixa apreender facilmente por discursos únicos ou por entidades que, atuando por cima, visem a eficiente unificação política das práticas sociais.

Para o acompanhamento, análise e sistematização dos conflitos urbanos é necessário adotar uma metodologia consistente que adentre nas relações sociais cotidianas e acompanhe a mutabilidade frenética (SANTOS, 1994) que o espaço urbano está condicionado, pois somente no exercício dos conflitos urbanos é possível "introduzir desequilíbrios e rupturas numa cidade que produz e reproduz em escala ampliada a desigualdade" (VAINER, 2005, p. 07).

A metodologia utilizada na pesquisa embasou-se na proposta da *Rede Nacional do Observatório de Conflitos Urbanos*, proposta por Carlos Vainer (2005), que classifica os conflitos urbanos conforme os seguintes elementos: objeto do conflito, forma de manifestação do conflito, agentes coletivos envolvidos (mobilizados ou reclamados), locais onde se originam e locais onde se manifestam. Esse conjunto nos fornece informações para ler a cidade através de sua *conflituosidade*[4]. Apresentamos abaixo (Quadro 1) o modelo da ficha de cadastramento preenchida para cada conflito urbano identificado.

Quadro 1. Ficha de cadastramento dos conflitos urbanos do Observatório Permanente de Conflitos Urbanos de Campinas-SP.

Conflitos urbanos na região do Jardim Campo Belo					
UTBs[1]	Cronologia	Localização/Área de abrangência[2]	Objeto do conflito	Agentes coletivos e organizações sociais envolvidos	Órgãos governamentais envolvidos
Agente reclamado	Reivindicações	Expressões jurídicas do conflito	Formas de manifestação do conflito	Fonte	Resumo

[1]Código da Unidade Territorial Básica para georreferênciamento.

[2]Área de ocorrência do conflito urbano.

Para cada conflito identificado criamos uma ficha digital em um banco de dados contendo um relato sintético, os elementos metodológicos e as seguintes informações: cronologia; órgãos governamentais envolvidos; reivindicações;

4 A conflituosidade é sinal de vida cidadã e de potencialidade democrática" (VAINER, 2014, p. 76).

expressões jurídicas do conflito; um breve resumo dos fatos; a fonte dos conflitos, entre outras informações relevantes.

Os trabalhos com a coleta e armazenamento dos dados ocorreram de forma diária, iniciados pela apreciação dos jornais Correio Popular, Radio CBN Campinas e EPTV/Globo Campinas (versões *online*), e o jornal local impresso do Correio Popular. Os usos de jornais eletrônicos produzidos pelos grandes grupos de comunicação em Campinas-SP embasaram a fase de coleta de dados, e mesmo nos limitando ao uso da informação vinculada por esse meio de comunicação, Câmara (2006, p. 22, grifo nosso) explica que:

> (...) é sabido que, em muitos casos, os jornais se tornam uma possibilidade de divulgação e defesa das lutas dos próprios coletivos mobilizados, compondo parte das táticas desses coletivos para expressarem suas demandas e reivindicações. Ou seja, muitas vezes, os atores envolvidos nos conflitos procuram dar publicidade à sua luta a partir do uso de contatos em jornais.

De certa forma, todos os meios de comunicação analisados corresponderam positivamente para a pesquisa, principalmente os jornais eletrônicos Correio Popular e EPTV/Globo Campinas, devido à atualização e organização das notícias. Também foram adquiridas informações diretas a partir de registros feitos pela equipe do Observatório Permanente dos Conflitos Urbanos de Campinas-SP e por meio de entrevistas com moradores e líderes de Associações de Moradores de Bairro.

A constatação realizada pelo próprio Observatório de Campinas-SP é de que as corporações midiáticas hegemônicas apreciadas divulgam conteúdos que lhes interessam ou aos seus parceiros comerciais, silenciando alguns conflitos urbano que, com o estudo sobre a urbanização da cidade, nos é notável.

Segundo Rizzatti (2015), em pesquisa específica sobre a mídia local de Campinas-SP, os grandes grupos de comunicação são grupos midiáticos que integram o círculo de informações banais, destinadas ao cotidiano e ao consumo. Produzem e fazem circular a informação de acordo com seus interesses, sendo esses agentes formadores de uma imagem, um entendimento do lugar para a sociedade.

Após explanarmos sobre o que são os conflitos urbanos, apresentamos, na sequência como a região do Jardim Campo Belo se formou, desde a década de 1950 até os dias atuais, através de lutas e resistências[5] da população de baixa renda.

5 Entendemos as resistências como as ações que "(...) tanto pode[m] ser difusa[s] – como na irreverência do humor anônimo que percorre nas ruas, nos ditos populares, nos grafites espalhados pelos muros da cidade – quanto localizada[s] nas ações coletivas ou grupais. Não nos referiremos às ações deliberadas de resistência (...), mas à práticas dotadas de uma lógica que as transforma em

A construção da região do Jardim Campo Belo

A cidade de Campinas-SP trabalha em "compasso com o ritmo do mundo, na medida em que a realidade da globalização se impõe sobre o processo secular de internacionalização" (SANTOS, 1990, p. 09). Os objetos e as ações, funcionais para o "desenvolvimento" dessa grande cidade, transformam-na de forma seletiva e configuram lugares modernamente equipados e lugares fadados ao esquecimento e à invisibilidade.

A região do Jardim Campo Belo abriga, hoje, em torno de 60 mil moradores[6], em sua maioria residentes em moradias ilegais, resultado da ocupação, a partir de 1997, dessa grande parcela do território municipal urbano. Esse pedaço da cidade foi loteado na década de 1950, tendo sido delimitada como área de futura expansão do Aeroporto Internacional de Viracopos em 1970. Porém, permaneceu relativamente vazia até a ocupação na década de 1990.

Quando a região foi ocupada existiam apenas cinco bairros constituídos, majoritariamente, na década de 1970. Mas de acordo com relatos de moradores, quando chegaram à região, em 1997, "*era só barraco e mato*". Nota-se que a região ficou mais de quarenta anos com suas terras loteadas, mas praticamente à míngua[7].

A partir disso, e da grande crise habitacional que o país vive desde a década de 1970 (MARICATO, 1996), a ocupação da área ocorreu através de previa organização das lideranças dos movimentos sociais atuantes na cidade de Campinas-SP que tinham conhecimento da ociosidade desses grandes loteamentos privados. Os líderes tiveram auxílio do Movimento dos Sem-Terra (MST) principalmente para o momento da ocupação, quando é preciso um alto contingente de pessoas para realizar atividades de muito consumo de energia, como carpir o mato e montar os barracos com rapidez. Para a manutenção da estrutura inicial da ocupação as próprias lideranças se organizaram e contaram com a ajuda da população ocupante e algumas parcelas da sociedade de Campinas-SP como, por exemplo, aquelas envolvidas com as redes de distribuição de alimentos, remédios,

atos de resistência" (CHAUÍ, 1987, p.63).

6 Segundo Rizzatti (2014) há na região do Jardim Campo Belo 50 mil moradores; no Plano Diretor de 2006, menciona-se 20 mil moradores; a informação de 60 mil moradores na região foi divulgada pelas lideranças de bairro entrevistados na pesquisa.

7 Segundo Mestre (2009, p. 38) "(...) o abandono dos proprietários e a inexistência de investimentos públicos na região foram fatores determinantes para a ocupação irregular dos imóveis, intensificando, sobremaneira, o adensamento da região com famílias de baixa renda, que vivem em condições extremamente precárias".

roupas, entre outras doações. Foram instaladas precárias redes de distribuição de água, com mangueiras doadas pela SANASA-Campinas[8], e alguns pontos de eletricidade através de improvisações nas fiações de bairros próximos, os chamados "gatos".

Hoje, a região é composta por 19 bairros[9], atendida por cinco Escolas Municipais de Ensino Infantil (EMEI), uma Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF), uma unidade da Escola de Jovens e Adultos (EJA) e três escolas estaduais; um Centro de Saúde, dois Postos e um Módulo de Saúde. Fixos insuficientes para atender tamanha população.

A energia elétrica chega praticamente a toda à região, estabelecida pelo Programa Luz para Todos[10], entretanto, ainda são necessárias improvisações na fiação em diversos lugares, nos quais a rede não mantém conexão; já o sistema de saneamento básico é inexistente na região, apesar de instalado, desde 2011, nunca foi ligado, a nosso ver, como uma estratégia, malsucedida, de desestimular a chegada de novas pessoas na área. O asfaltamento das ruas, com exceção de um bairro que é integralmente asfaltado, existe apenas em parte do trajeto dos ônibus circulares[11].

Esse quadro remete a uma parcela do território composta por bairros entre os mais desassistidos de Campinas-SP nos quais o percentual de domicílios sem renda é de 38%; e que apresentam as maiores taxas de homicídio da cidade, de acordo com o Plano Diretor do Município. Nas palavras de Mestre (2009, p. 31), a região do Jardim Campo Belo é a "reprodução de um espaço esquecido pelo poder

8 Empresa pública de distribuição, saneamento e tratamento de água e esgoto.

9 Segundo relatos das lideranças está em processo de formação o 20º bairro próximo ao bairro São Jorge com sete famílias que migraram da região nordeste do país, mais especificamente dos estados da Bahia, Pernambuco e Ceará, fato que agrava mais a problemática urbana da região do Jardim Campo Belo.

10 A informação sobre o programa foi obtida em entrevista com as lideranças da região, porém há enorme dificuldade em obter dados institucionais sobre sua execução em Campinas-SP ao que sabemos, o programa foi criado, em 2003, pelo Ministério de Minas e Energia (MME) do governo federal para o acesso à energia elétrica a populações rurais de baixa renda a serem atendidas até o final de 2015. No Estado de São Paulo coube à empresa CPFL Paulista executar o programa. <http://luzparatodos.mme.gov.br/luzparatodos/asp/default.asp?id=1> (Acessado em julho de 2016).

11 As linhas de ônibus que atendem à região são: 190 – São Domingos, 191 – Jardim Fernanda; 192 – Vila Diva, 195 – Vila Palmeiras, e 194 Jardim Itaguaçu/Fernanda, essa última linha foi solicitada ao poder público, em 200,7 pela Associação de Moradores do bairro Campituba 1 e entrou em atividade em dezembro de 2014. A região ainda não conta com uma unidade de transferências de ônibus para os moradores.

público, pela mídia, pelas universidades: aí os inúmeros loteamentos ilegais, o desemprego e a fome crônicos, os níveis de violência são, entre outros, seus elementos constitutivos".

Em 2006, foi iniciado o processo de regularização dos terrenos e a implantação do sistema de saneamento, porém tais ações estão paradas desde 2011. No ano de 2007, tiveram início as obras para a expansão do aeroporto e concomitantemente foi implantado o Projeto Social Vip Viracopos (2007-2010)[12], com o objetivo de minimizar as mazelas sociais na região. Somente uma pequena parte desse projeto foi realmente implantada na região. Como relata uma das lideranças: "*ta tudo do mesmo jeito que estava antes. Saíram as Casinhas da COHAB no Marisa (bairro), não saiu asfalto, praça, que estavam prometidos no projeto. Tudo foi jogado pra enganar o povo*"[13].

Como habilmente aclarou Santos (1990, p. 37), o território aqui apresentado é revelador de uma "crise profunda em que vive a sociedade urbana e constitui um aspecto visível de uma estrutura socioeconômica flagrantemente inegalitária". Ao mesmo tempo em que demonstra a capacidade de organização e de resistência da população carente de moradia.

Tendo conhecido o processo de construção e a situação atual da região do Jardim Campo Belo, analisaremos na sequência, os conflitos urbanos ocorridos em Campinas-SP, no período de 2013 a 2015, com ênfase naqueles que têm como objeto de disputa a moradia.

Os conflitos urbanos em relação à moradia na cidade de Campinas-SP

Dentre os meses de janeiro de 2013 a julho de 2015 foram registrados 268 conflitos urbanos pela equipe do Observatório de Conflitos Urbanos de Campinas-SP. Deste total, 22 ocorreram no município de forma mais abrangente, não se restringindo apenas a uma localidade ou região, envolvendo instâncias políticas[14], e o restante distribuído pelos bairros da cidade. Campinas-SP revela-se, assim, conflituosa principalmente devido aos interesses arraigados aos lugares.

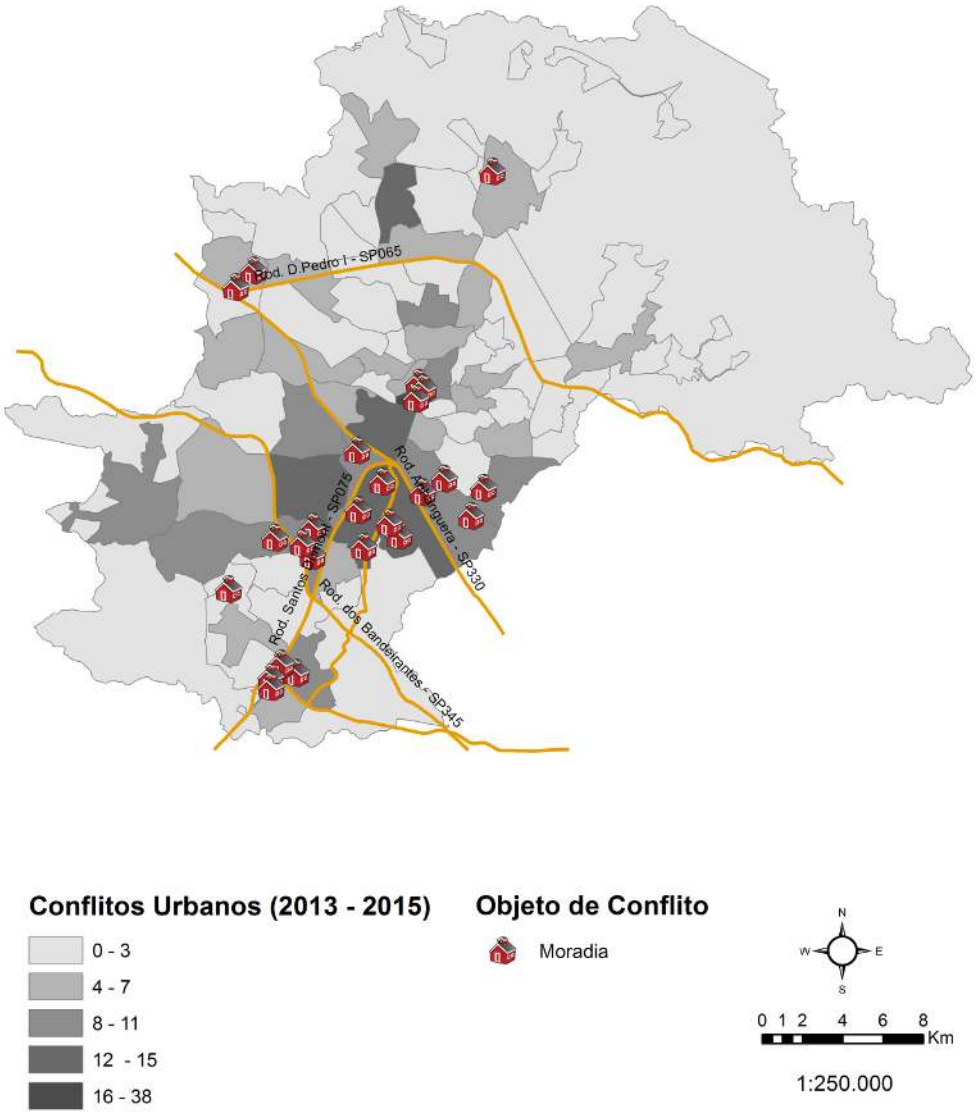
12 O projeto integra parte do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do governo federal no eixo temático "Infraestrutra Social e urbana" que deveria ser destinado para: a regularização; segurança pública; salubridade e habitabilidade da população em área inadequada à moradia, porém foram determinadas para superar os gargalos na Infraestrutura Logística nas metrópoles brasileiras (MESTRE, 2009; RIZZATTI, 2014).

13 Entrevista realizada em trabalho de campo, em 21 de agosto de 2015.

14 Em alguns casos foram estendidos a Região Metropolitana de Campinas (RMC), mas como está fora da escala de análise dessa pesquisa optamos por não contabilizar os conflitos.

Dos 268 conflitos urbanos registrados durante o período da pesquisa são notáveis os que têm como objeto de disputa a moradia, que totalizaram 26 registros, recorrentes ao longo desses anos com processos de regularização fundiária de terras urbanas, ocupações e reintegrações de posse. As localizações da ocorrência desses conflitos estão representadas no Mapa 1 abaixo.

Mapa 1. Distribuição dos conflitos urbanos por moradia em Campinas (2013 a 2015).



Fonte: Observatório Permanente de Conflitos Urbanos de Campinas, 2016.

O mapa apresenta em tons de cinza todos os conflitos urbanos ocorridos no período, sendo que as cores mais escuras indicam onde ocorreram um maior

número deles e vice-versa. Com as casas estão indicados os confrontos que tiveram como fator de confronto a moradia.

Ao observar o mapa nota-se que dos vinte e seis conflitos por moradia registrados apenas nove se deram em bairros instalados na Macrorregião Norte da cidade, parcela do território a norte da Rodovia Anhanguera (SP-330). Percebe-se, assim, que esses conflitos ocorreram com maior intensidade nos *espaços opacos* que compõem a Macrorregião Sul, onde a maior parte da população é de baixa renda e convive com a ausência dos equipamentos públicos necessários para a sobrevivência e a cidadania (CANO; BRANDÃO, 2002; RIZZATTI, 2014).

Nessa parcela sul do território campineiro destacam-se os confrontos ocorridos nas regiões do Parque Oziel e do próprio Jardim Campo Belo, as duas maiores ocupações de terras da cidade instaladas nas margens da rodovia Santos Dumont (SP-075). Para cada região foram registrados cinco conflitos que têm como objeto de disputa a moradia, ou seja, mais de um terço desses confrontos aconteceram nessas áreas. Depara-se, ainda no mapa, com esse tipo de conflito no Distrito do Ouro Verde, nos bairros Jardim Itatinga e nos DICs (Distrito Industrial de Campinas), e na área mais a leste do município na região do Parque Jambeiro. Todos esses bairros compõem essa Macrorregião Sul da cidade.

Essa representação cartográfica permite visualizar algumas das inúmeras desigualdades socioespaciais entre esta área majoritariamente pobre e a Macrorregião Norte concentradora da população rica de Campinas-SP, com ênfase no que diz respeito aos conflitos por moradia. E conflitos por moradias são conflitos pelo espaço urbano, travam as disputas pelo direito à cidade. Além disso, esse contraste indica como o planejamento urbano do município foi eficiente em manter a população pobre distante das áreas onde reside a população. Contrapondo, assim, a ideia corrente de que se trata duma cidade caótica na perspectiva, principalmente, do capital imobiliário.

Os conflitos urbanos possibilitam, desse modo, auxiliar na identificação da desigualdade socioespacial existente na cidade, fomentada pela urbanização corporativa e corroborada pelo Poder Público local, que trata com descaso a maior parte da população e as políticas sociais de habitação.

Ao mesmo tempo, demonstram a tentativa de organização da população em forma de movimentos e coletivos sociais que lutam pelo direito à moradia (agentes hegemonizados do processo de urbanização), pois esses conflitos são travados por essa população em detrimento dos interesses das corporações e da maior parte das políticas locais (agentes hegemônicos). Para demonstrar com mais detalhes essa disputa entre agentes com poderes desiguais adentramos, no próximo item, os

conflitos urbanos registrados na região do Jardim Campo Belo entre janeiro de 2013 e julho de 2015.

Os conflitos urbanos na região do Jardim Campo Belo

Como descrito anteriormente à construção dessa região vem ocorrendo majoritariamente pela organização da população ali residente, desde 1997 até os dias de hoje. Entretanto, apesar de todo esse tempo para construir esse lugar e mesmo do investimento dessas pessoas e do poder público em suprir, minimamente, de serviços e infraestruturas urbanos essa parcela da cidade, a possibilidade de remoção de, pelo menos, 20 mil pessoas se mantém devido à continuidade da expansão do aeroporto que está projetada para ocorrer até 2048, tornando-o o maior fixo de transporte aéreo do Hemisfério Sul.

Tal situação deflagra inúmeros conflitos urbanos por moradia, porém foram registrados pelo Observatório de Campinas-SP, entre 2013 e 2015, somente nove conflitos urbanos na região e, dentre estes, apenas cinco que têm como fator de disputa a moradia[15]. É inegável que essa quantidade de registro é pequena perto de tamanha insegurança e precariedade habitacional vivida pela população. E essa constatação é reafirmada, também, pelo conhecimento do controle midiático existente no país (PASTI, 2013) e reproduzido nas mídias locais (RIZZATTI, 2015). Neste artigo, a autora analisa todas as notícias sobre a região do Jardim Campo Belo publicadas pelo Correio Popular e explica que

> (...) entre os anos de 1998 e 2005, período no qual a ocupação se estabilizou atingindo um contingente populacional próximo ao atual, ao redor de 50 mil pessoas, foram publicadas apenas duas notícias sobre a área (...).Entre os anos de 2006 e 2009, ganha destaque na mídia corporativa brasileira o que foi nomeado por ela própria como 'caos aéreo' brasileiro (...). (...) a partir de 2006 [com o início dos debates sobre a expansão do Aeroporto de Viracopos], o foco das reportagens se voltava para a desumanização dos moradores da área, pois escreviam apenas sobre os assassinatos, o índice de prostituição, a produção e venda de drogas, entre outros elementos, que justificavam moralmente a remoção dessas famílias para o resto da população. Com isso, a mídia legitimava para as classes abastadas da cidade a necessidade de remover essa população em prol da melhoria do transporte aéreo nacional, como se não houvesse uma alternativa menos desumana ou como esses moradores não merecessem um

15 Apresentamos como anexo todos os conflitos urbanos ocorridos na região do Jardim Campo Belo.

> melhor destino do que voltar para as ruas, pois eram 'todos' assassinos e assassinas, prostitutas, vendedores de drogas e assim por diante. (RIZZATTI, 2015, ps. 223, 230 e 231)

Diante do descaso, manipulação e controle de informações da mídia local, a equipe do Observatório de Campinas-SP realizou o registro de mais três conflitos urbanos por conta própria através da proximidade com as lideranças que possibilitaram o conhecimento de outras manifestações da população da área, totalizando doze conflitos na região. Apenas para exemplificar, em uma das situações registradas, cerca de 25 pessoas protestaram contra o processo de remoção dos moradores do bairro Cidade Singer em passeata no mesmo bairro. Segundo informações de lideranças locais, a manifestação ocorreu no mês de janeiro de 2014 e não foi veiculado em nenhuma mídia como constatado pela equipe do Observatório.

Os conflitos urbanos sobre moradia, em sua maioria, tiveram como principal local de manifestação a Rodovia Eng. Miguel Melhado Campos (SP-324), que liga a cidade de Vinhedo-SP ao Aeroporto Internacional de Viracopos, e ocorreram nos bairros Cidade Singer, Jardim Campo Belo, Jardim Campituba I e Jardim Dom Gilberto. Essa preferência se deve, a nosso ver, por ser a estratégia de luta que mais chama atenção das mídias locais, dando projeção à causa. Os moradores da região manifestaram-se também através de passeatas, do fechamento da rodovia, e por ações judiciais junto ao Ministério Público, sendo o Governo Municipal e a Empresa Aeroporto Brasil Viracopos os agentes reclamados.

Para demonstrar a perversidade das ações realizadas pelas corporações, descrevemos um conflito exemplar da situação de insegurança em que vivem as pessoas nessa região.

Conforme reportagem do Jornal Correio Popular, em fevereiro de 2013[16], a empresa Aeroportos Brasil S/A (concessionária do Aeroporto Internacional de Viracopos) deu início às remoções e derrubadas de moradias, com apoio das Polícias Militar e Federal, sem a autorização do governo municipal em dois bairros: Cidades Singer e Jardim Columbia (que juntos somam ao redor de 160 famílias). A ação fazia parte da construção de alças de acesso na rodovia Santos Dumont (SP-075) no entorno do aeroporto e, para isso, foram derrubados ao todo dez lotes (casas e muros).

16 Correio Popular, 29 de fevereiro de 2013 – Famílias da Cidade Singer querem indenização.
<http://correio.rac.com.br/_conteudo/2013/02/capa/campinas_e_rmc/33776-familias-da-cidade-singer-querem-indenizacao.html>

Os moradores reagiram confrontando diretamente com as forças repressivas e junto de um advogado, residente na região, entraram com processo judicial para penalizar a empresa e ressarcir as famílias que, inclusive, apresentaram sérios problemas psicológicos causados pelo trauma de acordar com os muros da própria casa sendo derrubados. A empresa envolvida no caso enviou um pequeno comunicado para a população acompanhado de um bombom! O desrespeito ao ser humano em prol das empresas é, mais uma vez, inquestionável.

Essa população também redigiu um manifesto, em setembro de 2013, denunciando todas as remoções que ocorreram durante o ano de forma violenta e autoritária: sem avisos prévios, sem nenhuma possibilidade de diálogo e sem um novo lugar de moradia destinado a essas famílias. Esse manifesto nunca foi divulgado pela mídia hegemônica local.

Segundo as últimas informações divulgadas e acompanhadas pelo Observatório de Campinas-SP sobre essa situação, foi divulgada em reportagem do dia 06 de maio de 2015, no Correio Popular[17], que as famílias ganharam a ação contra a desapropriação da área. Porém, através das lideranças, sabe-se que desde então já houve novas ameaças de remoção que podem se efetivar após as eleições municipais. Essa capacidade de resistência, apesar de instável, demonstra a capacidade de organização, o conhecimento e a força dessa população que vive espoliada de todos os seus direitos como cidadãos, inclusive de uma educação de qualidade. Por isso, elaborar um manifesto, realizar passeatas, instituir ações judiciais possuem um peso ainda maior ao ser realizada por essa mesma população.

Para se organizarem essas pessoas comunicam-se, principalmente, por telefone ou por internet (através das redes sociais) e se reúnem para discutir assuntos relacionados aos problemas urbanos e sociais da região. Tem destaque a questão da regularização fundiária, travando disputas judiciais contra o processo de remoção dos moradores atingidos pela Curva de Ruído[18] e a expansão do aeroporto.

Esses conflitos existentes na região do Jardim Campo Belo tornam-na um espaço de disputas de cunho social e político, pois a todo o momento se fazem presente à ação dos agentes hegemônicos que impõem suas normas nos lugares e que são, na medida do possível, questionados e combatidos pela população. A

17 Correio Popular, 06 de maio de 2015 – Famílias ganham ação que evita desapropriação para obras. <http://correio.rac.com.br/_conteudo/2015/05/capa/campinas_e_rmc/256742-familias-ganham-acao-que-evita-desapropriacao-para-obras.html>

18 A Curva de Ruído abrange o Aeroporto Internacional de Viracopos e grande parte dos bairros na região do Jardim Campo Belo e se trata da área onde os barulhos e os tremores causados na decolagem e pouso dos aviões causam danos à saúde e às construções.

empresa Aeroportos Brasil S/A, por exemplo, atua para o controle e funcionamento do entorno do Viracopos, alterando a dinâmica dos moradores da região, e intermediada pelo poder público local. Em contrapartida, as lideranças da área se organizam para denunciar e combater tais ações.

Considerações Finais

A cidade de Campinas-SP apresenta desigualdades socioespaciais características das grandes cidades brasileiras devido ao seu histórico processo de exclusão da população de baixa renda dos confortos e direitos trazidos pela modernização dos espaços. E os conflitos urbanos se apresentam como uma possibilidade de análise e exposição dessas injustiças sociais.

As resistências realizadas por parte da população da região do Jardim Campo Belo evidenciam o reconhecimento e o anseio pela modificação dessas condições socioespaciais, confluindo em maneiras mais dignas de vida. E os acompanhamentos dos conflitos urbanos indicam como essa situação de desigualdade e injustiça é constantemente notada, conhecida e questionada por essas enormes populações que residem nas periferias das grandes cidades e metrópoles brasileiras, apesar das corporações midiáticas nacionais, entre outras, tentarem silenciar e invisibilizar essa realidade. Ao contrário do que estas buscam, são a todo o momento desenvolvido novas estratégias de luta e resistência que raramente são bem-sucedidas, mas nunca cessam de acontecer nos diversos espaços opacos do país.

Diante disso, as lutas sociais urbanas debatem e impõem limites à expansão capitalista nas cidades e, de forma organizada, expõem suas reivindicações e procuram discutir as mudanças sociais em curso. Assim, os moradores da região do Jardim Campo Belo exercem um papel fundamental para o exercício pleno da política cotidiana local e fomentam as resistências da população pobre, agente hegemonizado do processo de urbanização em curso no país.

A conflituosidade urbana revela, assim, as diferenças de interesses por parte dos agentes urbanos (poder público, empresas e sociedade civil) no cotidiano das cidades, pois vivemos numa sociedade marcada por distintas classes sociais espacialmente segregadas, logo, notável pela análise do espaço urbano como realizado nesse artigo. E nos faz refletir sobre a possibilidade de realização de outras cartografias, outros planejamentos, no contexto dos conflitos urbanos.

Referências

CÂMARA, Breno Pimentel. *Insegurança pública e conflitos urbanos na cidade do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR), UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

CANO, Wilson & BRANDÃO, Carlos A. A *Região Metropolitana de Campinas: urbanização, economia, finanças e meio ambiente*. Vol.1. Campinas: Unicamp, 2002.

CHAUÍ, M. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CORRÊA, R. L. *O Espaço Urbano*. São Paulo: Ática, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Aglomerados Subnormais. Primeiros Resultados*. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Censo Demográfico. 2010. Rio de Janeiro, 2011. (p. 1-259)

MARICATO, Ermínia. *Metrópole na periferia do capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

MESTRE, Ana Paula. *Os usos do território e as políticas urbanas: o Jardim Campo Belo no processo de fragmentação da cidade de Campinas*. 2009. Dissertação. (Mestrado em Geografia), IG, Unicamp, Campinas-SP, 2009.

MISSE, Michael. Sobre o conceito de conflito social. In: MISSE, Michel [et all.] *Direito e Conflito Social*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1981.

MOYSÉS, Maurício. 2016. *Urbanização corporativa e os conflitos urbanos em Campinas-SP: uma análise a partir da região do Jardim Campo Belo*. Monografia. (Graduação em Geografia). IG, Unicamp, Campinas-SP, 2016.

PASTI, André. *Notícias, informação e território: as agências transnacionais de notícias e a circulação de informações no território brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Geografia), IG, Unicamp, Campinas-SP, 2013.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. A cidade neoliberal: crise societária e caminhos da ação. En: OSAL: *Observatorio Social de América Latina*. Año7 no. 21, sep-dic/2006. Buenos Aires: CLACSO, 2006.

RIZZATTI, Helena. *O recente processo de urbanização da cidade de Campinas-SP (1990-2014): as ocupações urbanas – um estudo dos usos do território na Região Sul*. 2014 Dissertação. (Mestrado em Geografia), IG,Unicamp,Campinas-SP, 2014.

___. A urbanização de Campinas/SP e a produção de informação nas maiores ocupações da cidade. *RUA* [online], vol. 2, n. 21, p. 221-245, junho, 2015.

RODRIGUES, Arlete Moysés. *Moradia nas cidades brasileiras*. (Tese de Doutorado). Editora Contexto: São Paulo,1988.

SANTOS, Milton. *Metrópole corporativa e fragmentada: o caso de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1990.

___. *A urbanização brasileira*. 5ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2008 [1993].

___. *Técnica, espaço e tempo*. São Paulo: Hucitec, 1994.

___. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

___. *Por uma economia política da cidade*. São Paulo: Hucitec, 2009a [1994].

SANTOS, Regina dos. Campinas como pólo tecnológico na reestruturação do espaço urbano regional. In: CARLOS, A. F. A.; LEMOS, A. I. G. (Org.). *Dilemas Urbanos: Novas Abordagens sobre as Cidades*. São Paulo: Editora Contexto, 2000. p. 204-211.

SOUZA, Maria Adélia de (org). *A Metrópole e o Futuro: Refletindo sobre Campinas*. Campinas-SP: Territorial, 2008.

VAINER, Carlos. Como serão nossas cidades após Copa e das Olimpíadas? In: JENNINGS, A.; ROLNIK, R.; LASSANCE, A. [et al.]. *Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas*? São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2014.

___. *Núcleo Experimental de Planejamento Conflitual*. Projeto. IPPUR, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

Anexo. Conflitos urbanos na região do jardim campo belo (2013 a 2015).

UTBs	66	66
Cronologia	26/02/2013	03/10/2013
Localização/área de abrangência2	Cidade Singer	Região do Campo Belo
Objeto do conflito	Moradia	Segurança Pública
Agentes coletivos e orgs. sociais envolvidos	Moradores ou vizinhos	Profissionais da mesma área – taxistas
Órgãos governamentais envolvidos	Polícia Militar e Polícia Federal	Polícia Militar, Polícia Civil e Polícia Rodoviária
Agente reclamado	Empresa Privada – Aeroportos Brasil	Governo Municipal e Governo Estadual
Reivindicações	Exigência de indenização pela derrubada de imóveis	Alta frequência de assaltos
Expressões jurídicas do conflito		
Formas de manifestação do conflito	Confronto direto com as forças de segurança	Denúncia via meio de comunicação de massa
Fonte	Correio Popular – Cecília Polycarpo Cabalho	Correio Popular – Inaê Miranda
Resumo	Famílias da Cidade Singer querem indenização – Moradores da Cidade Cinger que terão que desocupar suas casas por causa das obras de ampliação e estrutura viária do aeroporto de Viracopos dizem que só o farão mediante a indenização da Aeroportos Brasil, empresa que cuida do aeroporto. A concessionária realizou uma ação de retomada dos terrenos com apoio das polícias militar e federal, mas muitos moradores se colocaram em frente às suas casas para evitar a passagem do trator.	Assaltos a táxis criam rota do medo em rodovia – Taxistas que trabalham com ponto no terminal do Aeroporto de Viracopos reclamam do medo de passar pela Rodovia Miguel Melhado Campos, que dá acesso à Rodovia Anhanguera e à cidade de Vinhedo. A frequência de assaltos nos últimos tempos e a violência da ação criminosa são muito grandes. Os taxistas reclamam que os obstáculos colocados na pista – como lombadas – fazem com que eles diminuam a velocidade do veículo, facilitando a ação dos bandidos.

UTBs	66	66
Cronologia	07/05/2013	09/12/2013
Localização/área de abrangência2	Rodovia Miguel Melhado Campos (SP-324) – Vinhedo/ Viracopos e Campo Belo	Jardim Dom Gilberto
Objeto do conflito	Moradia e Infraestrutura urbana	Moradia
Agentes coletivos e orgs. sociais envolvidos	Moradores ou vizinhos	Associações de moradores
Órgãos governamentais envolvidos	Polícia Militar	
Agente reclamado	Governo Municipal	Governo municipal
Reivindicações	Melhorias no bairro Campo Belo e contra reintegração de posse nos bairros Cidade Singer e Jardim Columbia	Usucapião de áreas ocupadas
Expressões jurídicas do conflito		
Formas de manifestação do conflito	Fechamento de vias públicas e confronto direto com as forças de segurança	Judicial
Fonte	Correio Popular – Ricardo Fernandes e Globo	Correio Popular – Patrícia Azevedo
Resumo	Grupo Fecha acesso a Viracopos; Choque da PM libera via – Cerca de 300 pessoas fecharam trecho da Rodovia Miguel Melhado Campos (SP-324) – Vinhedo/ Viracopos – nesta manhã de quinta-feira (4) em protesto. Segundo informações da Polícia Militar Rodoviária, a rodovia foi fechada, entre os kms 94 e 96 – nos dois sentidos desde as 6h. Após tentativa de negociação com os manifestantes, a Tropa de Choque da PM – com cerca de 100 homens – liberou a rodovia usando bombas de efeito moral – gás lacrimogênio. Parte dos manifestantes reagiu a ação policial disparando rojões e bombas, além de pedras. Após a liberação da via, a PM entrou no bairro Campo Belo e há denúncias de uso de força excessiva por parte dos policiais. Os manifestantes reivindicam melhorias no bairro Campo Belo e protestam contra reintegração de área nos bairros Cidade Singer e Jardim Columbia, às margens da Rodovia Santos Dumont (SP-75), onde vivem cerca de 50 famílias – a área fica dentro do terreno que será usado para a expansão do Aeroporto Internacional de Viracopos.	Associação defende usucapião coletivo em área invadida – A Associação de Moradores dos bairros Jardim Dom Gilberto e Jardim Puccamp, na região do Campo Belo, em Campinas, enviou um comunicado aos moradores oferecendo assessoria jurídica para que eles possam dar entrada com o pedido de usucapião, para ter direitos de propriedade sobre as terras ocupadas de forma ilegal ao longo dos anos.

UTBs	66	66
Cronologia	10/05/2013	20/10/2013
Localização/área de abrangência2	Região do Campo Belo	Região do Campo Belo
Objeto do conflito	Segurança Pública	Moradia
Agentes coletivos e orgs. sociais envolvidos	Outros Movimentos sociais	Moradores ou vizinhos
Órgãos governamentais envolvidos	Secretaria de Segurança Pública	Secretaria de Habitação
Agente reclamado	Governo Municipal e Governo Estadual	Governo Municipal
Reivindicações	Contra violência doméstica e chamar a atenção das autoridades para a violência na região	Contra reintegração de posse
Expressões jurídicas do conflito		Ação judicial
Formas de manifestação do conflito	Passeata	Denúncia via meio de comunicação de massa
Fonte	Correio Popular – Inaê Miranda	Correio Popular – Bruno Bacchetti
Resumo	Mulheres protestam contra a violência no Campo Belo – Cerca de 40 pessoas participaram do ato. Elas seguiram com cartazes e carro de som pelas margens da rodovia Miguel Melhado, mas não chegaram a interditar o trecho. Durante a passeata, elas convocaram outras mulheres para o movimento contra as agressões as mulheres no Campo Belo e região. Além de mulheres da região do Campo Belo e de lideranças de bairro, o protesto teve o apoio do comitê regional da Marcha das Mulheres.	Moradores prometem resistir a reintegração de posse – Moradores do bairro Campo Belo prometem resistir à reintegração de posse acionada pela Prefeitura, para que seja construída uma praça de lazer no local. A administração mandou uma carta pedindo para que as pessoas se retirassem em 48 horas. As pessoas reclamar não ter para onde ir, caso a ação seja efetivada.

UTBs	66	66
Cronologia	30/10/2013	jan/2014
Localização/área de abrangência2	Vila Palmeiras	Cidade Singer – Região do Jardim Campo Belo
Objeto do conflito	Educação	Associações de moradores e Moradores ou Vizinhos
Agentes coletivos e orgs. sociais envolvidos	Moradores ou vizinhos	
Órgãos governamentais envolvidos	Secretaria da Educação, Guarda Civil e Polícia Militar	Governo Municipal e Empresa Privada
Agente reclamado	Pessoa Física	Moradia
Reivindicações	Denúncia contra atos violentos de diretora de escola estadual	Contra a remoção dos moradores
Expressões jurídicas do conflito		
Formas de manifestação do conflito	Manifestação em praça pública	Passeata
Fonte	Globo	Trabalho de Campo
Resumo	Pais e alunos denunciam agressão em escola estadual durante protesto – Alguns pais protestam contra supostas agressões da diretora da Escola Estadual Francisco de Assis aos alunos. Eles relatam que a diretora afere até agressões físicas aos seus alunos, por motivos extremamente banais. Todos pedem a demissão da profissional.	Cerca de 25 pessoas protestaram contra o processo de remoção dos moradores do bairro Cidade Singer em passeata no mesmo bairro. Segundo informações de lideranças locais, a manifestação ocorreu no mês de janeiro de 2014.

UTBs	67	66
Cronologia	13/05/2015	28/11/2015
Localização/área de abrangência2	Jardim Campitua 1	Jardim São Domingos/Corredor Central
Objeto do conflito	Associações de moradores	Sindicatos e associações profissionais
Agentes coletivos e orgs. sociais envolvidos	EMDEC	EMDEC
Órgãos governamentais envolvidos	Governo Municipal	Governo Municipal
Agente reclamado	Transporte, Trânsito e Circulação	Segurança Pública
Reivindicações	Alterações no trajeto da linha 191 (Jardim Fernanda)	Motoristas paralisam linha 190 por falta de segurança
Expressões jurídicas do conflito		
Formas de manifestação do conflito	Abaixo-assinado, cartas ou solicitações	Paralisações, Greves
Fonte	Trabalho de Campo	Correio Popular
Resumo	Líderes de associações de bairro planejam nova linha de ônibus – Lideranças das Associações de Bairro Campituba 1 e Dom Gilberto na região do Jardim Campo Belo se reuniram para elaborar um novo traçado para linha 191 (Jardim Fernanda) para que a mesma passe a percorrer um trajeto até o bairro Campituba 1. O plano foi traçado pelas lideranças e moradores e entregue a EMDEC para a alteração.	Os motoristas da linha municipal de Campinas 1.90 (Jardim São Domingos/Corredor Central) paralisaram suas atividades desde as primeiras horas deste sábado em protesto contra a falta de segurança aos fins de semana. Os ônibus que atuariam ao longo do dia foram recolhidos na garagem. Segundo o vice-presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Transportes Rodoviários de Campinas e Região, Izrael Soares de Almeida, a mobilização deve continuar pelo menos até o último horário deste domingo. Todos os motoristas que fazem a linha foram agredidos verbalmente, além de fisicamente, com a ameaça de arma de fogo", justifica Almeida, que aponta como origem da insegurança os "pancadões" nas imediações da Rodovia Miguel Melhado de Campos, na região do Campo Belo.

Sobre os autores

Maurício Moysés: Possui graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e onde atualmente desenvolve pesquisa de mestrado em Geografia. Participa do Observatório Permanente de Conflitos Urbanos de Campinas, junto ao Laboratório de Investigações Geográficas e Planejamento Territorial (Geoplan).

Helena Rizzatti: Graduada e mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e onde atualmente desenvolve tese de doutorado em Geografia. Atua como Assistente de Coordenação do Observatório Permanente dos Conflitos Urbanos de Campinas-SP. Desenvolve pesquisas nas áreas de Geografia Urbana e planejamento territorial.

* * *

ABSTRACT

The urbanization of campinas and recent urban conflicts in the Jardim Campo Belo region

This article analyses how the city of Campinas-SP, which is in thriving economic growth, maintains large socio-spatial inequities that are highlighted by urban occupations located troughout the city, especifically in the study made in the biggest of them all: the Jardim Campo Belo region. To do so, we used urban conflicts, with focus on those who are based on housing issues, as an indicator of the needs and social injustice on this area experiences.

KEYWORDS: Urbanization, urbanconflicts, housing, Campinas-SP, Jardim Campo Belo.

RESUMEN

La urbanización de campinas-sp eos reciente conflicto en la región Jardín Urbano Campo Belo

Analizada en este artículo como la ciudad de Campinas-SP, económicamente próspera, tiene grandes desigualdades socio-espaciales que se activan con ocupaciones urbanas instaladas en la ciudad, específicamente el estudio más grande de ellos: la región Campo Belo Jardim. Para ello, utilice los conflictos urbanos, especialmente los que tienen el objeto de controversias a la vivienda, como un indicador de privación y sufrido injusticias sociales y combatida por la población residente en esta zona.

PALABRAS CLAVE: Urbanización, los conflictos urbanos, de vivienda, de Campinas-SP, Jardim Campo Belo.

BCG: http://agbcampinas.com.br/bcg